

Ferenczi e o século XXI

Anette Blaya Luz¹, Porto Alegre

RESUMO: O texto versa sobre as modificações culturais, sociais e científicas que vem acontecendo desde o final do século XIX, e como essas evoluções exigem modificações teórico-técnicas para atender, analiticamente, os indivíduos que essa sociedade pós-moderna está produzindo. Partindo das propostas freudianas, a autora traz à baila a obra de Sandor Ferenczi. Salienta como as contribuições deste autor são úteis para dar conta do sofrimento e das formas de comunicação dos sujeitos que se apresentam para tratamento agora, no século XXI. Ênfase é dada à proposta ferencziana de flexibilização da postura analítica no *setting*, de modo a criar uma atmosfera mais favorável ao desenvolvimento da confiança entre a dupla, tão útil para trabalhar a relação transferencial.

PALAVRAS-CHAVE: Ferenczi, flexibilização no *setting*, modificações técnicas.

Conheci, mais de perto, a obra de Sándor Ferenczi em 1998. Naquela ocasião eu precisei buscar um autor que me desse guarida às “esquisitices” que eu estava precisando fazer no meu *setting* analítico, a fim de tratar uma jovem de 18 anos, bulímica e drogadita pesada, que apresentava atuações muito graves e frequentes. Desde então venho estudando esse pioneiro da Psicanálise. Cada vez mais suas reflexões sobre o trauma e as implicações técnicas consequentes a ele me têm sido muito úteis, pois os pacientes que tenho recebido no consultório, com frequência, não se encaixam em uma técnica mais clássica. A leitura dos escritos de Ferenczi sempre foi necessária e agora, particularmente no século XXI, é fundamental. É o que tentarei explicar.

1. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Vou começar pelo começo, ou seja, com Freud. Os primórdios da Psicanálise datam de 1885, quando Freud conhece e vai trabalhar com Charcot. A partir desse momento ele fica entregue às suas pesquisas com pacientes que sofriam de doenças nervosas, as psiconeuroses. Ao descrever o Inconsciente ele dá o grande salto epistemológico, e a Psicanálise é fruto dessa intuição genial de Freud.

Nessa época, entre o final do século XIX e começo do século XX, a física Newtoniana ainda era prevalente e afirmava que o Universo era regido por leis matemáticas imutáveis, que permitiriam a descrição completa da evolução de qualquer corpo no espaço e no tempo, conceitos esses absolutos, e independentes do observador. Freud em suas primeiras concepções sobre a doença mental é absolutamente consonante com essa teoria científica.

Assim, os sintomas seriam a consequência de um processo repressor, e o Inconsciente simplesmente um conglomerado de repressões, fruto do conflito entre desejos e censuras incompatíveis. Uma vez entendido isso, a meta do psicanalista seria levantar a repressão, para dar livre fluxo ao reprimido e assim terminaria o sintoma. A pessoa do analista em nada alteraria esse processo. As identificações originárias não eram consideradas ainda como foco de abordagens. Simples, não é? Demasiado simplista para nossos dias. Mas muito bem adequado à época em que prevaleciam os conceitos próprios da física de Isaac Newton, onde causa e efeito, ação e reação são colocados numa perspectiva absolutamente linear, sendo Freud um determinista.

Essa origem tão “matemática” da doença nervosa e de seu tratamento, em pouco tempo se mostrou insuficiente para dar conta de quadros clínicos mais impermeáveis à abordagem freudiana, da mesma forma que a física newtoniana também não deu conta de muitos fenômenos que exigiram evoluções. A teoria quântica passou a ocupar o espaço que anteriormente era da física newtoniana. Para citar um simples exemplo: o observador, nesta nova teorização, já era considerado fator importante no fenômeno a ser observado. Olhando de frente, uma onda de energia poderia ser vista como

um ponto. Olhando pelo lado, seria identificada como uma onda. A posição do observador mudaria a descrição do evento observado. Da mesma forma, a posição do analista e seus sentimentos e emoções passaram a ser mais considerados. Não só a transferência importava. Também a contratransferência passou a ocupar lugar de destaque e Ferenczi foi um pioneiro neste aspecto. Seus trabalhos, já no final dos anos vinte (1920), ilustram bem essas questões. Para ele, a figura real do psicanalista era fator determinante no desenrolar do processo terapêutico, bem diferente do analista como pantalha em branco, proposto anteriormente. Nesse sentido, o papel da contratransferência é um exemplo significativo de mudança técnica que acompanha a cultura e a conceituação científica daquele momento específico, e Ferenczi soube se utilizar dela, configurando-se um precursor da aplicação sistemática do uso da contratransferência na nossa clínica. Um verdadeiro intersubjetivista.

Se entendemos Sándor Ferenczi como um pioneiro nas propostas de modificações da técnica clássica, como por exemplo na aplicação sistemática da Contratransferência como situação total, a exemplo da Transferência como situação total, porque sua obra foi condenada ao ostracismo durante mais de um quarto de século? e porque o interesse por esses escritos ressurge com tamanho vigor agora, final do século passado e início do século XXI? Uma hipótese, penso eu, poderia ser porque a cultura onde estamos imersos hoje, seja mais favorável às suas ideias, devido à diminuição da repressão agressiva e sexual, diminuição das ordens geracionais e a criação de sujeitos, que embora apresentem as mesmas pulsões de vida e de morte, são subjetivados de forma diferente, apresentam o sofrimento mental muito mais dependente da dissociação, da falha na capacidade simbólica e na diminuição das defesas repressivas. Além disso, após cem anos do nascimento da Psicanálise, muitas evoluções teórico-técnicas permitiram o aprofundamento das análises a níveis bem mais regressivos e, portanto, a técnica que atinge esses níveis não é mais a clássica, onde a postura fria e distante do analista, em nome da neutralidade e da abstinência era a regra. Cabe uma atitude distinta, mais receptiva, acolhedora, menos superegógica

e persecutória.

As mudanças paradigmáticas impostas pelas teorias da relatividade (1905), do caos (1960) e da complexidade (1970), são todos exemplos nítidos de como os conceitos da ciência e os valores da cultura de uma época influem nos conteúdos dos espaços intrapsíquico, intersubjetivo e transubjetivo, que vinculam o sujeito a aspectos de si mesmo e aos demais sujeitos de seu grupo, conforme preconiza René Kaes (2011), determinando uma subjetividade em desenvolvimento tensional eterno.

Quando a Psicanálise surgiu, a cultura vienense estava apoiada nas ideias do iluminismo alemão, em um mundo onde a razão organizava os saberes e as certezas, determinando que o pensamento crítico prevalecesse sobre a utopia, sempre regido pelas ideias modernistas. Calcado no Positivismo, foi um movimento de busca da Verdade, uma só verdade, e aconteceu no seio de uma sociedade que privilegiava os valores universais em detrimento dos individuais (Carlinsky & Eskenazi, 2000, p. 23). Esse cenário serviu como caldo de cultura para que o pensamento psicanalítico florescesse. A razão, a busca da verdade e o pensar sobre as questões humanas encontraram naqueles tempos uma receptividade que hoje em dia não existe mais. A verdade, como entendida hoje, é multifacetada, exigindo que o psicanalista também possa mergulhar no Inconsciente multifacetado de seus pacientes, onde a complexidade teórico-técnica exige muito mais de nosso ofício.

Diferente daqueles tempos, nossa sociedade atual não quer pagar o preço que o pensar exige. Pelo contrário, quase tudo está sendo construído na direção oposta, na direção do não pensar. Neste contexto, o “não pensar” é igual ao “não sonhar”. O homem que é fruto da pós-modernidade quer soluções rápidas, indolores, descartáveis e baratas. Podemos, frente a isso, imaginar que a constituição da identidade e da subjetividade do homem atual sofreu um impacto e processou-se de modo distinto do homem da era Moderna. Seria possível então imaginar que os pacientes daquela época fossem diferentes dos pacientes que atendemos hoje em nossos consultórios? As pulsões são as mesmas, mas a constituição da mente e as defesas

conduzem a apresentações distintas do sofrimento emocional.

A cultura em que Freud e seus pacientes estavam imersos é gritantemente diferente da que estamos mergulhados hoje. E a própria Psicanálise pode ser imputada como responsável por muitas das mudanças culturais que sofremos ao longo do século que nos separa da época em que Freud viveu e construiu suas teorias. Para tomar um só exemplo de mudança radical que testemunhamos e que nos faz tão distintos dos pacientes e analistas daquela época, proponho que examinemos brevemente o tema que diz respeito ao tabu da virgindade. Até as últimas décadas do milênio passado, ser virgem era considerado uma qualidade que as moças deveriam cultivar. A castidade era dos primeiros atributos que um homem iria buscar em uma mulher. Perder a virgindade antes do matrimônio era vivido com muita vergonha e dor, tanto pela moça quanto por sua família. A moça “deflorada” era alvo de chacotas e de falatórios muito cáusticos. As coisas mudaram bastante neste terreno, especialmente nas culturas ocidentais. Muito deve-se ao advento da pílula anticoncepcional, que passou a frequentar nossos lares a partir dos anos 60, constituindo-se numa verdadeira revolução nos hábitos sexuais. Ela invadiu o mercado transformando o cenário que ainda não privilegiava as vontades femininas. À mulher era vetado ter desejos de qualquer natureza, particularmente sexual. Aqui a teoria freudiana também trouxe sua contribuição ao incluir, tanto as mulheres quanto as crianças, no rol de seres humanos que têm direito a sentir desejo e prazer sexual. Acontecia então a revolução sexual onde as cartelas de pílulas contraceptivas, foram levantadas como bandeiras, símbolo da liberdade sexual feminina. Repressão sexual deixou de ser o único ou o mais importante fator determinante das neuroses.

Hoje vivemos uma situação quase contrária a da época do nascimento da Psicanálise em relação à virgindade. As adolescentes e mulheres de nossos tempos têm vergonha de sua virgindade e inexperiência sexual, chegando ao extremo de mentir a respeito, só para não se sentirem alvo de “*bullings*”. Mudou a relação das pessoas com a questão da virgindade, mas permaneceu, e permanece ainda hoje, o medo de ser alvo de falatórios

ou gozações. O motivo do falatório mudou, mas a necessidade e o prazer do ser humano em falar mal de outrem se mantêm, assim como o desejo sexual. Antes uma moça poderia ser alvo de chacotas por não ser mais virgem. Hoje, por ainda o ser. Os valores culturais sofreram mudanças, mas as pulsões de vida e de morte seguem as mesmas. A agressividade e a destrutividade humanas estão presentes tanto numa quanto em outra cultura, vide as guerras passadas e as atuais. A necessidade de excluir e segregar um grupo considerado de menor valor, por não se submeter aos padrões morais vigentes, é a mesma em todos os tempos.

Embora tanto a agressão quanto a libido sejam as mesmas, é fato que vivemos em uma outra dimensão cultural, que também diz respeito a todo o avanço tecnológico que nos assaltou nas últimas décadas. A globalização de novas tecnologias de informática e de comunicação, a velocidade característica deste século, assim como o consumo generalizado de bens materiais, acarreta evidentes implicações na construção da identidade e subjetividade humanas. A busca pelo sustento cedeu lugar à incessante e inquietante busca pelo conforto extremo. A saciedade da fome cedeu lugar à voracidade insaciável. Cria-se assim uma sociedade de consumo que, ao mesmo tempo em que produz bens de consumo, dos quais o homem precisa para ter uma vida confortável, ameaça a sobrevivência da espécie humana no planeta. Ter, comprar, possuir equivale hoje a ser feliz. Ter substitui o Ser. Sob esta ótica fica mais importante Ter e Parecer do que Ser, exemplo disso é a fantástica necessidade de postar *stories* no Facebook e Instagram.

Cabe salientar que, em consequência destes desenvolvimentos, muitos limites se desmancharam. Limites, por exemplo, frente à realidade da passagem bem como da velocidade do tempo, do encurtamento das distâncias, da onipresença de qualquer pessoa através da Internet. É possível hoje tratar pacientes na China, mesmo estando no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo. Distâncias geográficas ficaram menores ou inexistentes no espaço virtual, e o tempo substituído pela instantaneidade. Não é mais preciso saber esperar. Antigamente esperávamos porque não havia alternativa. Mas a verdade é que sabíamos esperar! Hoje, nossos filhos e netos

não sabem esperar, pois de fato eles não precisam saber esperar, como nós precisávamos. Qualquer criança de classe média, assim que se torna capaz de reconhecer números, tem um telefone celular em seu bolso, e pode falar com papai e/ou mamãe, estejam eles onde estiverem. Qualquer parte do planeta pode ser alcançada num piscar de olhos e num apertar de botão. Esperar, que é uma qualidade importante e que Freud entendia como uma conquista do desenvolvimento emocional, hoje em dia caiu em desuso. Ter a capacidade de esperar é condição *sine qua non* para o desenvolvimento da capacidade de sonhar, de pensar, de fantasiar. Hoje nem mais é preciso esperar os tradicionais nove meses para saber de que sexo é a criança. E a ultrassonografia em 3D permite uma invasão de privacidade no espaço sagrado do útero gravídico. Antes mesmo de nascer, o feto já posa para fotos e filmagens!!! E pode também aparecer nas páginas da Web, no Insta, Twitter ou Facebook. A relação com o tempo mudou. A velocidade astronômica com que a informação atravessa o planeta é quase chocante para quem tem mais de 50 anos. A relação com a geografia também se alterou. As distâncias não são mais “tão distantes”. Atualmente nossos filhos transitam por todas as latitudes do Planeta Terra com uma naturalidade que nos é estranha. Os jovens circulam entre um continente e outro como nós fazíamos dentro do nosso país ou como Freud fazia quando transitava entre Viena e Berlim ou Roma. Nossos filhos, quando moram fora, falam conosco todos os dias através do WhatsApp, Facetime ou qualquer outra plataforma. Sentir saudades ou sentir falta de algo ou de alguém está fora de moda hoje em dia. Somos parte de uma sociedade de consumo e consumimos tudo, inclusive o nosso tempo. Ninguém mais quer esperar e enfrentar a frustração da espera, condição básica para a saúde emocional. Se tudo é gratificado em tempo recorde, não sobra muito espaço para o fantasiar, o imaginar ou o pensar e simbolizar. Ficamos por demais concretos! A cena primária, que era tão misteriosa e proibida, pode ser vista e analisada por bandos de adolescentes sentados no sofá da sala, comendo pipoca e tomando Coca-Cola. Basta um clique no botão do mouse ou celular. A fantasia perde espaço para a visão concreta.

Relaciono isso tudo para fundamentar minha impressão de que, em que pese a invariância da essência da natureza humana, não posso deixar de pensar que o ser humano que a nossa sociedade produz hoje difere do ser humano que Freud encontrava em seu dia a dia. A fome de alimentos e de amor é a mesma hoje que a de antigamente. A voracidade, a inveja e outras manifestações da pulsão de morte, idem. Mas crianças criadas em creches, por vezes só encontrando seus pais à noite por poucas horas, que portam celulares desde cedo, que brincam na frente de televisores, *tablets* e computadores em vez de correr livres pelas calçadas e relvas, que cumprem uma agenda pesada com aulas de inglês, natação, futebol, tênis ou ballet, mais parecendo mini executivos do que simples crianças, provavelmente não devem apresentar a mesma sintomatologia de seus predecessores do final do século XIX, nem tampouco a mesma capacidade de se submeter aos rigores de uma análise mais clássica, que demanda esperar, refletir e reconhecer a passagem do tempo para encontrar soluções. O ser humano é o mesmo, mas a clínica psicanalítica não me parece ser, embora sejamos os mesmos homens e mulheres que um dia se recostaram nos divãs de Freud e seus colaboradores. Enquanto Freud atendia mulheres sexualmente reprimidas, histéricas e frígidas, nós atendemos homens e mulheres que se queixam de um vazio interior avassalador. Muitos desses pacientes desenvolvem compulsão por álcool, drogas, alimentos, jogos, trabalhos ou compras. As jovens anoréxicas pululam hoje em nossos consultórios, bem como os psicossomáticos. As capacidades simbólicas são bem reduzidas nestes indivíduos.

O que está diferente na psicanálise então? Os psicanalistas, a psicanálise ou os pacientes? Um pouco de tudo isto, penso eu. Aqui repousa a importância de Ferenczi e para a psicanálise que praticamos hoje. E tudo contribuindo, cada vez mais, para a complexidade de nosso trabalho.

Os trabalhos de Ferenczi incentivando maior **flexibilidade** na postura do psicanalista, como por exemplo nos textos de 1928 – “Elasticidade da Técnica”, ou de 1930 – “Princípio de Relaxamento e Neocatarse”, ou **dando crédito** ao relato de abusos sofridos pelos pacientes, como se vê no

“Diário Clínico” de 1932 ou no “Confusão de Línguas”, do mesmo ano, em vez de tratar tudo como fantasia e preconizando uma **adaptação** da psicanálise ao paciente, a exemplo de seu texto “A adaptação da família à criança”, de 1928, oferecendo um **ambiente mais acolhedor** e uma postura mais **afetiva** por parte do analista, a exemplo do que se compreende do seu texto de 1929 “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, tudo isto fez com que acontecesse o rompimento com Freud, e o conseqüente ostracismo a que Ferenczi foi submetido. Por outro lado, sua postura inovadora, para tratar pacientes ditos mais “difíceis” faz com que sua obra venha para primeiro plano nos dias de hoje, pois todas essas modificações propostas facilitam os processos de simbolização de traumas sofridos na infância.

Concluo essa breve apresentação com uma frase de Judith Dupont sobre a Obra de Sándor Ferenczi, que serve como um substrato para compreender por que foi banido do *main stream* da Psicanálise por tantos anos e porque retorna com todo vigor hoje. Escreveu ela em 1985, no prefácio do Diário Clínico:

“Ferenczi coloca em paralelo a criança traumatizada pela hipocrisia dos adultos, o doente mental traumatizado pela sociedade e o paciente cujos traumas antigos são reanimados e redobrados pela hipocrisia profissional e pela rigidez técnica do analista”.

FERENCZI AND THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: The text deals with the cultural, social and scientific changes that have been happening since the end of the 19th century, and how these evolutions require theoretical-technical modifications to meet, analytically, the needs of individuals that this postmodern society is producing. Starting from freudian proposals, the author brings up the work of Sandor Ferenczi. She emphasizes how the contributions of this author are useful to account for the suffering and forms of communication of the subjects who present themselves for treatment now, in the 21st century. Emphasis is given to the Ferenczian’s proposal of flexibilization of the analytical posture in the setting, so as to create an atmosphere more favorable to the development of trust between the duo, so useful for working the transference relationship.

KEYWORDS: Ferenczi, flexibility in the setting, technical modifications.

FERENCZI Y EL SIGLO XXI

RESUMEN: El texto trata de los cambios culturales, sociales y científicos que han estado ocurriendo desde finales del siglo 19, y cómo estas evoluciones requieren modificaciones teórico-técnicas para satisfacer, analíticamente, a los individuos que esta sociedad posmoderna está produciendo. Partiendo de propuestas freudianas, la autora trae las colaboraciones de la obra de Sandor Ferenczi. Enfatiza cómo las contribuciones de este autor son útiles para dar cuenta del sufrimiento y de las formas de comunicación de los sujetos que se presentan para el tratamiento ahora, en el siglo 21. Se hace hincapié en la propuesta ferencziana de flexibilización de la *postura analítica en el setting*, a fin de crear una atmósfera más favorable para el desarrollo de la confianza entre el dúo, tan útil para trabajar la relación transferente.

PALABRAS-CLAVE: Ferenczi, flexibilidad en el escenario, modificaciones técnicas.

REFERÊNCIAS:

- Carlinsky, N. & Eskenazi, C.K. (2000). *Resignation o Desafío*. Buenos Aires: Lúmen/ Tercer Milenio.
- Dupond, J. *Diário Clínico de S. Ferenczi*. Prefácio, p.11. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1990.
- Ferenczi, S. (1928). Adaptação da Família à Criança, In.: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, Vol. IV, p.1. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- Ferenczi, S. (1928). Elasticidade da Técnica, In.: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, Vol. IV, p. 25. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- Ferenczi, S. (1930). Princípio de Relaxamento e Neocatarse. In.: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, Vol. IV, p. 53. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- Ferenczi, S. (1931). Análise de Crianças com Adultos, In.: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, Vol. IV, p 69. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- Ferenczi, S. (1933). Confusão de Línguas entre a Criança e os Adultos, In: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, Vol. IV, p. 97. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- Kaes, R. A realidade psíquica do vínculo. *Rev. Brasileira de Psicanálise*. Vol. 45, n. 4, p. 155-166, 2011.

anettebluz@gmail.com